



EMATERCE

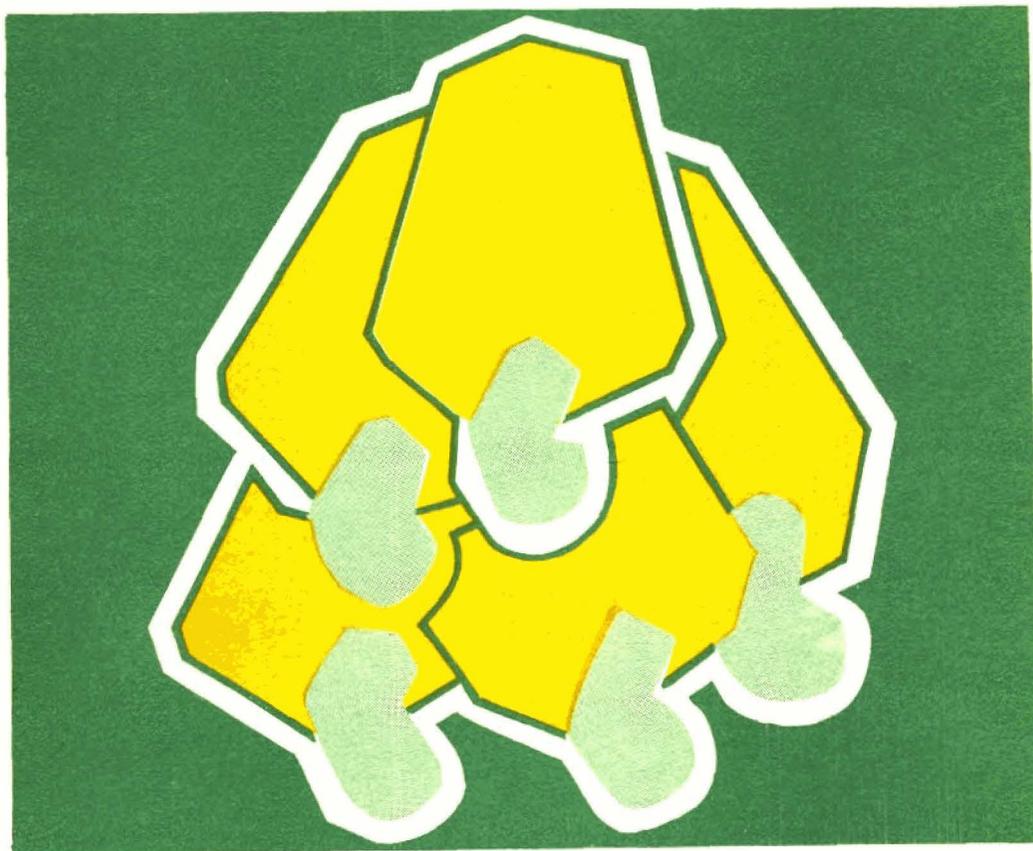
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará



Epace

Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará

Vinculadas à Secretaria de Agricultura e Abastecimento



SISTEMA DE PRODUÇÃO PARA A CULTURA DO **CAJUEIRO**

 **EMBRATER**

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

 **EMBRAPA**

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Vinculadas ao Ministério da Agricultura



EMATERCE

Empresa de Assistência Técnica e
Extensão Rural do Ceará



epace

Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará

Vinculadas à Secretaria de Agricultura e Abastecimento

Sistema de Produção para a Cultura do

CAJUEIRO

MEMÓRIA
EMBRAPA

(REVISÃO)



EMBRATER

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e
Extensão Rural



EMBRAPA

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Vinculadas ao Ministério da Agricultura

FORTALEZA
NOVEMBRO - 1984

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural/
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Sistema de produção para a cultura do Cajueiro (revisão)
Fortaleza, EMATERCE / EPACE, 1984 .
28 p.(Sistema de Produção. Circular, 73)

CDU634.573..636.15

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	5
ÁREA DE ALCANCE	7
INTRODUÇÃO	11
REQUERIMENTOS ECOLÓGICOS PARA O CAJUEIRO	12
RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA A CULTURA DO CAJUEIRO	14

APRESENTAÇÃO

O Sistema de Produção, ora revisado, contém informações técnicas que possibilitarão, ao usuário, orientar-se na exploração racional da cultura do caju. Os técnicos da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará-EPACE e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará-EMATERCE, alinharam dados atualizados relativos à cultura e reelaboraram o presente documento.

Por ser dinâmico, este "pacote tecnológico" poderá ser modificado, à proporção que a pesquisa experimental evolua, devendo ocorrerem novas revisões, sempre na expectativa do aprimoramento do conhecimento científico que contribua para aumentar a produção e produtividade da cajucultura cearense.

ÁREA DE ALCANCE

O sistema de produção revisado para a cultura do cajueiro destina-se para as áreas situadas ao longo de toda a faixa litorânea do Estado do Ceará, compreendendo também a zona de transição entre o litoral e sertão.

Abrange 35 municípios de 7 micro-regiões homogêneas (vide mapa) com uma área de 35.682m² e uma população estimada para 1975 de 2.019.278 habitantes, correspondendo a 24,1% e 43,1% do total do Estado, respectivamente. A distribuição dos municípios em suas micro-regiões é a que se segue:

Micro-região 56 - Litoral de Camocim e Acaraú

1. Acaraú
2. Bela Cruz
3. Camocim
4. Chaval
5. Granja
6. Marco
7. Martinópole

Micro-região 57 - Baixo-médio Acaraú

1. Morrinhos
2. Santana do Acaraú
3. Uruoca

Micro-região 58 - Serra de Uruburetama

1. Itapipoca
2. Paracuru

3. São Gonçalo do Amarante
4. São Luís do Curu
5. Trairi
6. Uruburetama

Micro-região 59 - Fortaleza

1. Aquiraz
2. Caucaia
3. Maranguape
4. Fortaleza
5. Pacatuba

Micro-região 69 - Litoral de Pacajus

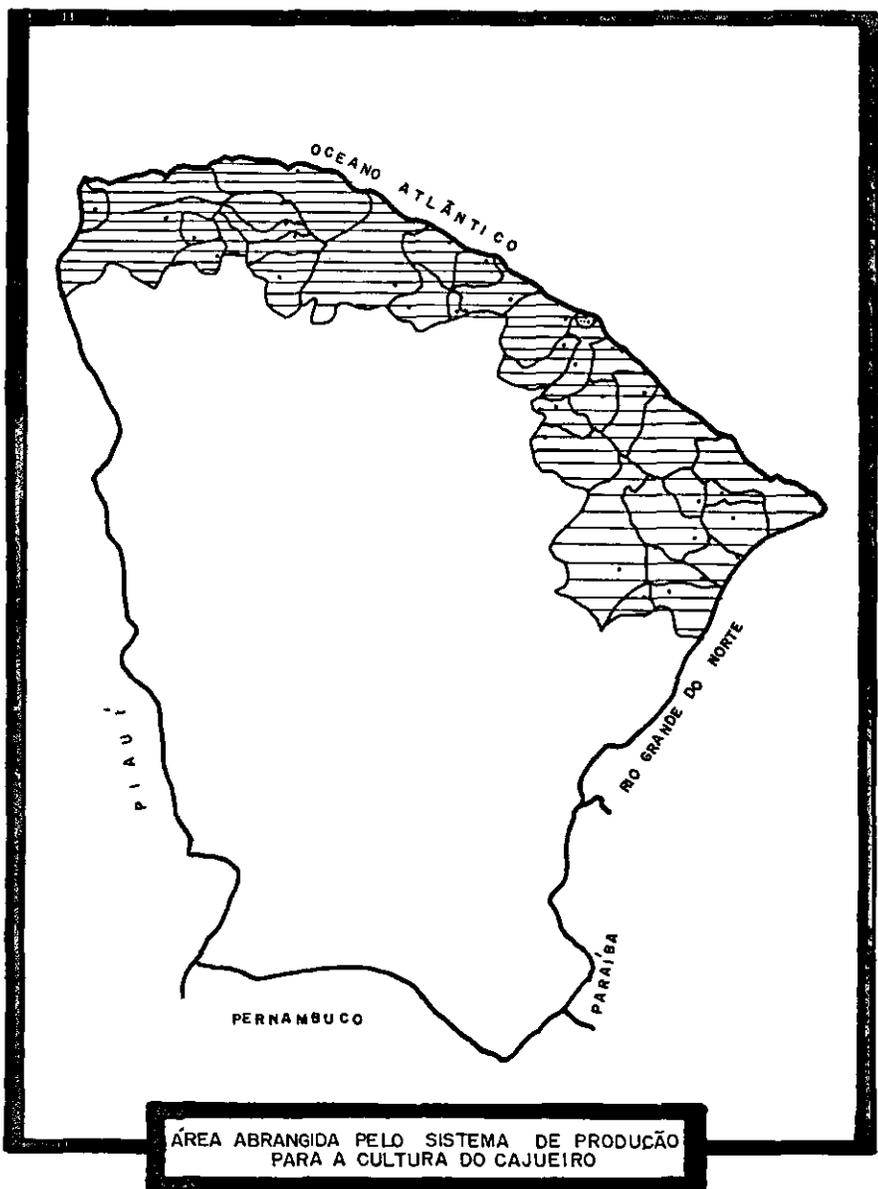
1. Beberibe
2. Cascavel
3. Pacajus

Micro-região 61 - Baixo Jaguaribe

1. Aracati
2. Itaiçaba
3. Jaguaruana
4. Limoeiro do Norte
5. Morada Nova
6. Palhano
7. Russas
8. São João do Jaguaribe
9. Taboleiro do Norte

Micro-região 65 - Serra de Baturité

1. Aracoiaba
2. Redenção



INTRODUÇÃO

O sistema de produção destina-se a todos os níveis exploratórios, do pequeno ao grande produtor, cabendo a escolha da forma de operacionalização do sistema, ao interessado, em função de suas conveniências.

Sendo uma atividade agrícola permanente, alguns cuidados devem ser tomados quanto ao planejamento para a implantação e condução do pomar, de modo que posteriores correções sejam evitadas, com prejuízos irrecuperáveis. Assim, além dos fatores do meio, como clima e solo, todos os fatores técnicos devem ser rigorosamente observados a fim de se aumentarem as possibilidades de sucesso com a exploração do cajueiro.

Por se tratar de uma cultura com dimensões variáveis de área explorada, as operações que compõem o sistema poderão ser executadas mecanicamente ou utilizando-se a tração animal ou, ainda, de forma mista, cabendo a escolha do modelo ao produtor. Saliente-se, no entanto, a necessidade de adoção das recomendações técnicas para a cultura, como premissa básica para o sucesso da exploração.

REQUERIMENTOS ECOLÓGICOS PARA O CAJUEIRO

1. CLIMA

Além dos aspectos puramente agronômicos, na área de plantio é necessário levarem em consideração alguns aspectos de clima.

1.1. Precipitação

A faixa considerada mais favorável ao deenvolvimento do cajueiro, está entre 800 e 1.600mm por ano, distribuídos em 5 a 7 meses, seguidos de um período seco. Nos locais onde os índices pluviométricos situam-se fora desta faixa, provavelmente, não se obterão os melhores rendimentos com a cultura; embora possa ser explorada, se outros parâmetros forem favoráveis.

1.2. Temperatura

Os limites de temperatura favoráveis ao cajueiro situam-se entre 18 e 38°C, com média anual entre 24 e 28°C. Em locais com temperaturas baixas, poucas são as chances de sucesso com a cultura.

1.3. Altitude

Altitudes de até 600m são consideradas como as mais favoráveis para o cajueiro.

1.4. Umidade Relativa

O cajueiro tolera uma larga faixa de variação para a umidade relativa. Em regiões onde atinge valores acima de 80% no período de florescimento, grandes prejuízos ocorrerão em função do aparecimento de doenças fúngicas. Entretanto, pode ser explorado, com algum sucesso, desde que alguns cuidados sejam tomados em relação ao controle preventivo e curativo das doenças.

1.5. Ventos

As regiões onde a velocidade dos ventos é superior a 7m/seg., devem ser evitadas.

2. SOLOS

O cajueiro adapta-se bem a solos profundos, bem drenados, de textura leve e friáveis. Desaconselham-se, totalmente, as regiões com solos pesados, compactados e mal drenados. De modo geral, os solos arenosos e areno-argilosos, com pH variando de 4,5 a 6,5 e de regular fertilidade, prestam-se bem ao cultivo.

RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA A CULTURA DO CAJUEIRO

1. ESCOLHA DO LOCAL

Quando da escolha do local para a implantação do pomar, devem-se levar em consideração todos os aspectos de clima e solo que mais se aproximem, conjuntamente daqueles requerido pela planta.

2. PREPARO DA ÁREA

O preparo da área consiste das operações derrubada, aceiramento, queima, destocamento e apronto final, que podem ser levadas a efeito tanto mecânica como manualmente ou, ainda, de forma mista.

2.1. Derrubada

2.1.1. Derrubada mecanizada

Realizada com trator de esteira, equipado com lâminas ou com correntes e consiste da quebra da vegetação.

2.1.2. Derrubada manual

Consiste da broca e do desmatamento e pode ser realizada por meio de moto-serras ou instrumentos como facões e machados.

2.2. Aceiramento

2.2.1. Aceiramento mecanizado

Feito com trator de esteira equipado com ancinho, em faixa de 10m de largura.

2.2.2. Aceiramento manual

Feito com instrumentos de uso manual, também em faixa de 10m de largura.

2.3. Queima

Após a retirada da madeira procede-se a operação queima, sob a forma de coívaras, na época em que o material está suficientemente seco.

2.4. Destocamento

Realizado manualmente, consiste na retirada de tocos e raízes, os quais são amontoados e queimados, posteriormente. Nas áreas em que o desmatamento é mecanizado, a operação é bem menos onerosa, uma vez que representa um re passe no trabalho desenvolvido pela máquina.

2.5. Apronto Final

Consiste na limpeza de restos e aplai namento do solo. Normalmente, o apronto final é feito, mecanicamente, em grandes áreas des matadas.

3. PREPARO DO SOLO

Consiste de uma gradagem cruzada, a uma profundidade de 10-15cm e deve ser realizada 30 a 45 dias antes do plantio. O preparo do solo pode ser feito por meio de tração mecânica, com grade de arrasto ou por tração animal.

4. ESPAÇAMENTO

4.1. Cajueiro do Tipo Comum

Sugere-se o espaçamento de 15m x 15m no sistema triangular o que possibilitará uma população de 51 plantas/ha.

4.2. Cajueiro do Tipo Anão Precoce

São recomendados dois espaçamentos dependendo, o uso de um ou outro, da utilização de máquinas no pomar.

a - 9m x 7m x 7m (fileira dupla), com 178 plantas/ha.

b - 7m x 7m no sistema retangular, com 204 plantas/ha.

5. MARCAÇÃO DO TERRENO

Consiste na marcação da área com piquetes. Pode ser feita com correntes, cordas de

nylon ou com uma trena. Recomenda-se atenção nesta operação a fim de se obter um bom nível de alinhamento no pomar.

6. ABERTURA DAS COVAS

As covas devem ter dimensões de 40cm x 40cm x 40cm. Após a abertura, a terra da parte de cima deverá ser misturada com um mínimo de 10 litros de esterco do curral (ou outro tipo de adubo orgânico) bem curtido. A da parte de baixo deverá ficar em volta da cova, formando uma bacia, para melhorar o aproveitamento d'água e diminuir a incidência de ervas daninhas. A cova deverá, então, ser cheia com a mistura da terra de cima com o adubo orgânico. A cova poderá ser feita, também, mecanicamente.

7. PLANTIO

Para esta operação, o sistema considera duas possibilidades:

7.1. Plantio de Sementes no Local Definitivo

Quando do plantio direto, deve-se observar, cuidadosamente, a escolha da semente antes da semeadura.

7.1.1. Escolha da semente

As castanhas devem ser sadias, de tamanho médio (8-12g), densas e selecionadas de plantas produtivas. Para maior conservação do poder germinativo, devem ser armazenadas em locais cobertos, secos e ventilados. Por ocasião do plantio deve-se proceder o teste de densidade, que consiste na colocação das castanhas em um recipiente com água, eliminando-se aquelas que flutuarem. Recomenda-se ainda o tratamento das sementes com produtos a base de PCNB (Brassicol, Semeto1).

7.1.2. Semeadura

Deve ser feita a uma profundidade de 2 a 5cm, colocando-se 2 sementes por piquete (uma de cada lado para facilitar o desbaste), com a ponta voltada para baixo, posição que facilita a emergência do embrião. Após a colocação da castanha na terra, que deverá ser facilitada pelo corte de grade, compacta-se a terra com os pés com a finalidade de melhorar a germinação.

7.1.3. Replântio

A operação de replântio deverá ser feita de 30 a 45 dias após o plantio. Preparam-se,

simultaneamente, as mudas para o replantio. Utilizam-se sacos plásticos pretos de 15cm x 25cm e a terra para enchimento dos sacos deverá ter 1/3 de matéria orgânica. Normalmente, a taxa de replantio prevista é de 10%, podendo chegar a um máximo de 20%, dependendo do vigor da semente utilizada no plantio.

7.2. Plantio de Mudas

No plantio de cajueiro do tipo anão precoce as mudas deverão ser enxertadas, combinando copa x porta-enxerto de acordo com as recomendações. As mudas poderão ser feitas na própria Empresa ou adquiridas, diretamente, na Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará - EPACE.

8. CONSORCIAÇÃO

Considerando-se os altos custos da implantação de um pomar de cajueiro, bem como o período de tempo decorrido até a estabilização da produção, a exploração de culturas em consórcio, apresenta-se como alternativa viável para minimização de custos, não só pelos rendimentos auferidos com a cultura de consórcio, mas também pela redução do trabalho de manutenção do pomar livre de ervas daninhas.

A escolha da cultura de consórcio é função das conveniências do produtor considerando-se, basicamente, as condições de clima e solo, do local explorado e as de mercado. Para cada cultura a ser consorciada algumas observações, relacionadas com a parte técnica do caju, devem ser rigorosamente seguidas, de modo a evitarem-se prejuízos para o cajueiro. Se a cultura de consórcio for de ciclo anual e tiver o porte baixo, como o feijão e o amendoim, convém deixar uma faixa mínima de 1,0m de cada lado das fileiras do cajueiro. Em culturas como mandioca, milho e algodão, esta faixa deverá ter um mínimo de 1,5m. No caso do consórcio com forrageiras para pastoreio, o pasto deverá ser implantado no 3º ano e a utilização, pelo bovino, no 4º ano. Ainda assim, deve-se proceder o manejo de forma que haja um mínimo de perda da produção, com a retirada do rebanho no período inicial do florescimento.

A consorciação com forrageiras, em pomares de cajueiro do tipo anão, é desaconselhada.

9. TRATOS CULTURAIS

9.1. Desbaste e Desbrota

No caso de germinarem as duas castanhas sementeiras, uma delas deverá ser eliminada 2 a 3 meses após. Seleciona-se, para o desbaste, a plantinha mais fraca e menos sadia. Se por ocasião do plantio, for obedecido o posicionamento correto das sementes (uma de cada lado do piquete) não haverá injúria nas raízes da planta que permanecerá no pomar. Esta, deverá sofrer desbrota dos ramos laterais próximos aos cotilédones. A desbrota deverá ser feita, juntamente com o desbaste, 2 a 3 meses após a germinação.

9.2. Rocagem, Garfagem e Coroamento

1º ANO - Quando da exploração de culturas consorciadas, os tratamentos culturais são aqueles requeridos pela cultura de consórcio. Após a colheita do consórcio, procede-se uma gradagem para incorporação dos restos. Conjuntamente e 3 a 4 vezes por ano, efetuam-se coroamentos para manutenção do cajueiro livre de competição.

Nos anos subsequentes, repete-se o mesmo esquema, até enquanto perdurar a exploração da área com o consórcio. Findo o período de consórcio, a manutenção do cajueiro, livre de ervas, deverá ser feita por meio de gradagens e/

ou roçagens, associadas com coroamentos. Um bom esquema é aquele que inclui uma gradagem, no período chuvoso, acompanhada de um coroamento; e, uma roçagem e um coroamento, antes da safra. Eventualmente, onde o combate às ervas é mais difícil, são necessárias duas a três gradagens. Uma outra alternativa, bastante utilizada, é a substituição da roçagem pela gradagem, no período que antecede a safra. A adoção de um ou outro esquema, ou ainda outras alternativas, será função das condições da região. Importante é a manutenção do cajueiro livre de competição com as ervas daninhas.

No caso de consorciação caju x boi, recomenda-se um roço, no início do período chuvoso e um coroamento, próximo à colheita, além do correto manejo do rebanho.

9.3. Poda

Recomenda-se uma poda de limpeza anual, que deverá ser feita no período compreendido entre o final da colheita e o início da nova brotação. No Estado do Ceará este período vai de fevereiro a abril, ou seja, perdura 3 meses. Esta poda consiste nas eliminações de ramos secos, praguejados e doentes. As partes

podadas deverão ser retiradas e queimadas. Recomenda-se, também, a eliminação dos ramos "ladrões" que normalmente, brotam do caule e ramos principais.

9.4. Adubação

9.4.1. Adubação mineral

1º Ano - 150g de superfosfato triplo e 50g de cloreto de potássio, em fundação; e 100g de uréia, 30 a 60 dias após o plantio.

2º Ano - 100g de uréia, 300g de superfosfato triplo e 50g de cloreto de potássio, aplicados no início das chuvas; e 100g de uréia e 50g de cloreto de potássio, aplicados após 3 meses da primeira aplicação.

A partir do 3º ano recomenda-se a aplicação de 300g de uréia, 450g de superfosfato triplo e 150g de cloreto de potássio, sendo a metade do Nitrogênio e do potássio aplicados, juntamente com todo o fósforo, no início das chuvas e, a outra metade, após 3 meses.

9.4.2. Adubação orgânica

20 litros de esterco de curral bem curtido, em pó ou 5 litros de torta de mamona, bem curtida, deverão ser aplicados, na cova, por ocasião do plantio. Anualmente, esta operação

deverá ser repetida no início das chuvas.

10. CONTROLE FITOSSANITÁRIO

Deverão ser controladas todas as pragas que surgirem, no pomar, a partir do plantio. Inspeções periódicas no campo facilitarão a imediata identificação de focos iniciais de pragas como a mosca branca, lagarta verde, la garta saia justa, pulgão, cigarrinhas, tripes e broca do tronco, resultando em maior efi ciência e economia no controle.

11. COLHEITA

A colheita é feita manualmente, consistindo na apanha do produto que caiu ao solo. A seguir, procede-se o descastanhamento, sendo as castanhas postas em secadores, por 2 a 3 dias. Estes secadores são localizados, normalmente, próximos aos armazens e a secagem é feita ao sol. Diariamente, durante o período de secagem, as castanhas devem ser reviradas, para uma perfeita exposição ao sol e, após a secagem, devem ser armazenadas. Dependendo das condições de mercado, o pedúnculo poderá ser aproveitado. Neste caso, a colheita deverã ser feita diretamente na planta, evitando-se injúrias nos frutos imaturos e flores. Ainda no caso do aproveitamento do pedúnculo,

aquêles caídos no dia da colheita e que não estejam estragados, também devem ser aproveitados.

12. ARMAZENAMENTO - Quando não são imediatamente comercializadas, as castanhas deverão ser armazenadas, a granel, em local coberto, seco e ventilado, aguardando a época mais adequada para a comercialização.

13. COMERCIALIZAÇÃO

Quando não são processadas na própria Empresa, as castanhas deverão ser comercializadas diretamente com a indústria.

PRAGAS	SINTOMAS DE ATAQUE	PRODUTOS INDICADOS	DOSAGENS		OBSERVAÇÕES
			€/ha	ml/1000 d'água	
BROCA DAS FORTAS <i>Anthistarcha binoculata</i>	Folhas e inflorescências marchas ou secas, com acúmulo de nêdo de mel próximo ao orifício lateral. As lavras expõem excrementos que ficam, às vezes, presos aos galhos.	carbaryl, fenitrothion, dimetoato.	1,0-1,5	100-150	Usando produtos de contato, adicionar um fungicida para controle da antracnose.
TRIPES <i>Seimethrips rubroocinctus</i>	Folhas de coloração bronzeada e ressequida. Em plantas novas, ataque é altamente prejudicial.	Contato - dibron, fenitrothion, diazinon, parathion etil, parathion metil, malathion, prozalone, azinphos etil, carbaryl. Sistêmicos - thiometon, etoato metil, dimetoato, phosphamidon, monocrotophos, ometoato, formothion, azidothion.	0,5-1,0	50-100	Dirigir o jato de modo a molhar a face dorsal das folhas, quando aplicados produtos de contato, sem deixar escorrer excessivamente. Quando necessário, adicionar fungicidas para controle da antracnose.
LAGARTA VERDE <i>Eacles imperialis magnifica</i>	Folhas devoradas total ou parcialmente. Lagartas grandes e urticantes ataca sempre em foco.	Contato - fenitrothion, parathion metil, parathion etil, dibron, azinphos etil, trichlorphon, methomyl, malathion.	1,0-2,0	100-200	Adicionar um espalhante adesivo para uma perfeita aderência do produto.
LAGARTA VER DE NOIVA <i>Thaumya sa</i>	Folhas devoradas total ou parcialmente. Ocorre em áreas isoladas.	Contato - malathion, mecarmab, fenitrothion, parathion metil, parathion etil, dibron, azinphos etil, trichlorphon, methomyl.	1,0-2,0	100-200	
LAGARTA SAIA JUSTA <i>Cicinnus scylliopus</i>	Folhas devoradas total ou parcialmente. Ocorre na zona entre Itapipoca e Camocim, no Ceará.	Contato - fenitrothion, parathion metil, parathion etil, dibron, azinphos etil, trichlorphon, methomyl, malathion.			
MOSCA BRANCA <i>Aleurodicus cacaois</i>	Localiza-se na face dorsal das folhas agrupadas em colônias numerosas, protegidas por secreção pulverulenta (branca). Na face ventral se desenvolvem as colônias das fêmeas, exibindo um contraste de coloração negro opaco.	Contato - fenitrothion, malathion, azinphos etil, diazinon, parathion etil, parathion metil, dibron, phosalone. Sistêmicos - thiometon, etoato metil, dimetoato, phosphamidon, monocrotophos, ometoato, formothion, azidothion.	1,0-1,5	100-150	Usando produtos de contato, dirigir o jato para a face dorsal das folhas atingindo a praga diretamente.
PULGÃO <i>Aphis gossypii</i>	Inflorescências marchas, presença de fumagina. Forma colônias numerosas nos nectários.	Sistêmicos - dimetoato, etoato metil, phosphamidon, thiometon, monocrotophos, formothion, ometoato, azidothion.	0,5-1,0	50-100	Dirigir o jato de inseticida para as inflorescências. Adicionar um fungicida para controle simultâneo da antracnose. Evitar escorrimento e excessivo.
BROCA DO TRONCO	Perfuração no tronco e galhos, com galerias internas.	Injetar DDVP nas galerias, tapando os orifícios com cera do barro.			Queima de galhos e plantas atacadas.

DOENÇAS	SINTOMAS DO ATAQUE	PRODUTOS INDICADOS	DOSAGENS		OBSERVAÇÕES
			€/ha	ml/1000 d'água	
ANTRACNOSE <i>Colletotrichum gloeosporioides</i>	Inflorescências secas, frutos manchados, necróticos com rachaduras. Folhas com manchas necróticas e esgranilhadas.	carbora, captafol, óleo	2,5-5,0	250-100	Dirigir o jato para as inflorescências, sem escorrimento. Aplicar desde o início de brotação.
BIBIDIO <i>Oidium anacardii</i>	Folhas com manchas e revestimento de fumos. Seca e queda prematura. Ocorre nas regiões mais úmidas.	enofre.	4,0-5,0	400-500	Dar boa cobertura.
POFO DAS CASTANHAS					Secar ao sol, guardando em local seco e ventilado.

IMPLANTÇÃO E MANUTENÇÃO DE UM HECTARE DE CAJUEIRO COMUM

ESPACAMENTO: 12 x 15 OU 15 x 15 M

A - IMPLANTÇÃO

DISCRIMINAÇÃO	UNIDADE	Q U A N T I D A D E									
		1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO	10º ANO
I - INSUMOS											
SACOS PLÁSTICOS	U	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SEMENTES SELECIONADAS	KG	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ADUBO: ORGÂNICO	KG	1000	-	-	-	-	-	-	-	-	-
, INSETICIDA	L	1	1	1	1	1	-	-	-	-	-
, FORMICIDA	KG	2	2	2	2	2	-	-	-	-	-
II - PREPARO DA ÁREA											
DERRUBADA	H/TR	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ACETRAMENTO	H/TR	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
QUEIMA	H/D	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DESTOCAMENTO	H/D	4,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
APRONTIO FINAL	H/D	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
III - PREPARO DO SOLO											
GRADAGEM CRUZADA	H/TR	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
IV - PLANTIO											
MARCÇÃO DO TERRENO	H/D	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ABERT. E ADUB. DAS COVAS	H/D	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PLANTIO PROPRIAMENTE DITO	H/D	0,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PREPARO DAS MUDAS E REP.	H/D	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
V - TRATOS CULTURAIS											
DESBASTE E DESBROTA	H/D	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GRADAGEM	H/TR	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5
CORVOAMENTO	H/D	1	1,0	1,5	3,0	4,0	6,0	6,0	6,0	6,0	6,0
ROCO MECÂNICO	H/TR	-	-	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5
ROCO MANUAL	H/D	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0
PODA	H/D	-	-	1,0	1,0	3,0	5,0	7,0	6,0	6,0	6,0
I - CONTROLE FITOSSANITÁRIO											
APLIC. DE DEFENSIVOS	H/D	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0
VII - COLHEITA											
	KG	-	-	50,0	150,0	350,0	350,0	450,0	600,0	600,0	600,0

*/ NO CASO DE REPLANTIO.

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS PELA REVISÃO E ATUALIZAÇÃO

Eng^o Agr^o Levi de Moura Barros
EPACE (Coordenador do Projeto Caju)

Eng^o Agr^o José Murilo Ferreira da Silva
EMATERCE (Coordenador de Fruticultura)

Eng^o Agr^o Fernando George Silveira Franco
EMBRAPA/EPACE (Difusor de Tecnologia)

Eng^o Agr^o Gláucia Almeida Brasil
EPACE (Coordenadora do Setor de Publicações)

Eng^o Agr^o Fátima Maria Martins Oliveira
(Estagiária da EPACE)

Colaboradores:

Eng^o Agr^o Reginaldo Dantas Cavalcante
Eng^o Agr^o Quelzia Maria Silva Melo